



DAS CONTRIBUIÇÕES DE GEOFFREY CHAUCER PARA A LITERATURA E A HISTÓRIA

Márcia Maria de Medeiros*

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

marciamaria@uems.br

RESUMO: A obra de Geoffrey Chaucer é de suma importância para o estudioso que se debruça sobre a literatura inglesa do século XVI. Espelho da mentalidade de uma época reflete muito dos usos e costumes da Inglaterra. O presente trabalho procura analisar as contribuições deste autor para a literatura e a para a história abordando especialmente as questões relativas à morte em um dos contos que ilustra as páginas de *Contos da Cantuária*, a saber, *O vendedor de Indulgências*.

ABSTRACT: Geoffrey Chaucer is one the most important genius of the English literature of XVI century. Mirror of mentality of an epoch, reflects the uses and customs of medieval England. The present work analyzes the contribution of Chaucer to literature and history, studying the questions relatives to the death at the text titled: *O Vendedor de Indulgências*.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Medieval – Mentalidades – Morte

KEYWORDS: Medieval Literature – Mentalities – Death

Inglaterra – a formação de uma literatura

O contexto literário da Inglaterra do século XVI é deveras truncado: inicialmente há que se considerar a discrepância de linguagem: havia o dialeto popular, um inglês muito próximo do atual que era falado pelo povo, ao lado do latim e do francês, falados pelos membros do clero e da aristocracia. Destarte, pode-se afirmar que a Inglaterra que vê a Baixa Idade Média se instaurar, era um país onde não havia unidade lingüística.

Esse processo reflete a conjuntura na qual o país nasceu, pois, ocupando a região existem três grupos étnicos distintos: saxões, *vikings* e normandos, sendo que a

* Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atualmente, é professora titular da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS.

convivência dos mesmos nem sempre foi pacífica.¹ Rugas à parte, o século X já encontra o país bretão unificado, sob a égide de uma casa real, tendo como única religião o catolicismo e falando uma só língua, na qual eram escritos os documentos oficiais e a produção literária vernácula.

Entretanto, o ano de 1066 marca um processo importante na história britânica: os normandos invadem a ilha e com eles, muita coisa muda na Inglaterra. Em primeiro lugar, eles vêm para ficar e tentar impor sua cultura. Em segundo lugar, a nobreza francesa toma o lugar da inglesa e a língua oficial da corte passa a ser o francês, sendo que o latim continua a língua oficial dos membros do clero. Segundo Anthony Burgess, “[...] com a chegada dos normandos, suas leis, seus castelos, seu conhecimento da arte da guerra, os anglo-saxões ficaram reduzidos a uma posição de servidão que matou sua cultura e condenou sua língua ao desprezo”.²

Nesse tempo, informa Maria Elisa Cevasco, que a leitura era “[...] uma atividade essencialmente gregária – lia-se em voz alta, em público, para divertir ou ilustrar os poderosos, ou recitava-se de cor ou cantava-se, neste caso também para as classes menos abastadas”.³

A produção literária desse período tem nomes representativos, como é o caso de Beda, o Venerável, considerado um dos ícones da cultura medieval, por legar ao período uma das mais preciosas análises sobre a multiplicidade interpretativa das Sagradas Escrituras; além de poetas e obras de vulto como o épico *Beowulf*.⁴

A invasão normanda fez com que o dialeto francês ocupasse um lugar de destaque na ilha: ele se torna a ferramenta dos poetas. A cultura normanda afrancesa o gosto literário britânico, marcando com seu traço, inclusive o herói Artur e seus cavaleiros.⁵ O fato é que havia uma produção literária em francês, cujo foco principal

¹ Maiores informações sobre o assunto ver: LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. São Paulo: EDUSC, 2005; e ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

² BURGESS, Anthony. **A literatura inglesa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 35.

³ CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Valter Lellis. **Rumos da Literatura Inglesa**. São Paulo: Ática, 1993, p. 6-7.

⁴ Sobre a intelectualidade medieval ver: CURTIUS, Ernest. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. São Paulo: HUCITEC, 1996; e LE GOFF, Jacques. **Os Intelectuais na Idade Média**. São Paulo: José Olímpio, 2003.

⁵ O ciclo arturiano de romances de cavalaria tem uma profunda raiz no imaginário celta. Originalmente de cunho popular e passadas para a tradição literária de forma oral, as aventuras do rei Artur e de seus cavaleiros foram recolhidas por vários autores. Alguns permaneceram anônimos perante os olhos da

era a corte; e havia uma literatura vernácula, a qual se concentrava mais nas mãos da Igreja, cujos membros escreviam obras de cunho apologético, visando à educação popular em relação à Bíblia e às coisas da vida cristã.

Sobre a influência francesa na cultura inglesa, observa Paulo Vizioli que:

[...] foram os modelos franceses que determinaram os *gêneros* e boa parte da *temática* da literatura em inglês médio. É o que se pode constatar, por exemplo, na poesia lírica, com suas ‘canções’ de derivação provençal (como as ‘reverdies’ e as ‘vilanelles’), seus instrutivos ‘debates’ entre animais (como o debate entre *A Coruja e o Rouxinol*, que contrapõe o pragmatismo racional ao esteticismo emocional [...]). A presença francesa, a verdade, se faz notar em praticamente todas as obras, desde aquelas de caráter popular, como os ‘fabliaux’, maliciosos e às vezes indecentes, até os ‘romances de cavalaria’, com seus dois ciclos principais, o Arturiano (sobre o Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda) e o Antigo (sobre figuras da antiguidade clássica). [...].⁶

A população também dispunha de uma literatura de entretenimento, definida pelos baladas, ou seja, canções que narravam histórias de amor ou de aventuras heróicas. O melhor exemplo desse processo é representado por Robin Hood e seu séqüito de ladrões. Há que se considerar que esse bom ladrão que rouba dos ricos e dá aos pobres, não deixa de ser uma versão popular daquilo que representavam para a elite aristocrática o rei Artur e seus cavaleiros.

Essas formas de arte popular eram expressas em inglês. Segundo Maria Elisa Cevasco, “[...] não na mesma língua arcaica que *Beowulf* mas um outro estágio da sua evolução que, se não traz ainda para o inglês que conhecemos hoje, é uma forma desse idioma por nós reconhecível como tal e que se convencionou chamar de *Middle English*”.⁷

Em 1244, a política influencia a literatura mais uma vez: um decreto real proibiu a posse de terras por uma mesma pessoa na França e na Inglaterra: assim os nobres que permaneceram na Inglaterra foram se tornando cada vez mais ingleses, no sentido da palavra. Estavam assim criadas as condições para que surgisse uma literatura de língua inglesa. E nesse contexto, vai se destacar o nome de Geoffrey Chaucer.

História, outros, como é o caso de Robert de Boron, tornaram-se conhecidos dos historiadores da literatura.

⁶ CHAUCER, Geoffrey. **Os contos da Cantuária**. Apresentação, tradução direta do médio inglês e notas de Paulo Vizioli. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988, p. IX.

⁷ CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Valter Lellis. **Rumos da Literatura Inglesa**. São Paulo: Ática, 1993, p. 9.

Chaucer – autor e obra

Na primeira metade do século XIV, ainda faltava à literatura inglesa um grande nome, quiçá porque o espírito do tempo não fosse muito propício ao surgimento de grandes individualidades literárias. O centro da vida cultural na ilha gravitava em torno de mosteiros e de castelos feudais. A marca da identidade cultural ainda era eclesiástica, “[...] a tônica dos poemas e peças é a edificação, e o importante não é o mundo que os cerca, mas, sim, a vide eterna, para a qual o ‘aqui’ e o ‘agora’ são meras preparações”.⁸

Entretanto, a partir da segunda metade do século XIV, já existe uma gama de obras de autores definidos à disposição do leitor, mesmo que nesse conjunto literário ainda predomine uma visão um tanto alegórica do real, característica de um tempo que já vai se encaminhado para o seu final. A obra de Geoffrey Chaucer se enquadra nesse pressuposto de criação.

Acredita-se que o autor de *Canterbury Tales* tenha nascido no ano de 1340, uma época muito rica de acontecimentos. Fazem parte desse contexto histórico fatos importantes: a Guerra dos Cem Anos já tinha começado quando Chaucer nasceu e no período de sua vida a Inglaterra foi atacada pela Peste Negra por três vezes. Ele morreu em torno de 1400, cerca de 40 anos antes da invenção da imprensa.

Sobre a figura histórica do autor pode-se dizer que:

Chaucer pertencia àquela classe em ascensão da qual, nos séculos seguintes, tantos grandes escritores derivavam. Ele não era camponês, nem sacerdote, nem um aristocrata, mas filho de um homem ligado ao comércio: [...]. Mas o jovem Geoffrey iria aprender bastante sobre a aristocracia ao se tornar pajem da condessa de Ulster. Recebeu promoção e foi servir no estrangeiro como um jovem soldado [...]; ao se casar entrou para a família de John Gaunt e teve oportunidade de observar as maneiras polidas, estudar ciências e artes, as literaturas da França e da Itália [...].⁹

Em síntese, um jovem londrino, filho de um rico burguês que se casou com uma dama da corte e que pôde despertar a sua inteligência, além de um forte senso de humor, um bom ouvido musical e uma grande capacidade de contar histórias. Esse é o esboço do intelectual que foi Geoffrey Chaucer, um peregrino entre dois mundos.

As realizações intelectuais desse autor são muitas a começar pelo uso da linguagem em sua obra: apesar de conhecer os idiomas do continente, Chaucer se

⁸ CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Valter Lellis. **Rumos da Literatura Inglesa**. São Paulo: Ática, 1993, p. 9.

⁹ BURGESS, Anthony. **A literatura inglesa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 39.

limitou a escrever no inglês que era utilizado em Londres. Nesse sentido, Anthony Burgess afirma que Chaucer teve de:

[...] *criar* a língua inglesa tal como a conhecemos hoje e estabelecer suas tradições literárias. Para fazê-lo, ele precisou se voltar, principalmente para a literatura da França e trazer algo de sua elegância para o inglês [...]; teve também que esquadriñar os contos e as histórias da Europa para encontrar seu assunto.¹⁰

Canterbury Tales é considerada sua maior realização literária, onde de fato, Chaucer encontrou seu território e garantiu à literatura a observação da vida como de fato ela era vivida, imagem de pessoas que eram reais e uma visão do mundo que pode, inclusive, ser chamada de “moderna”. Sua linguagem é clara, tanto como a voz que era ouvida em sua própria época. Essa é, sem dúvida, a qualidade que mais lhe confere grandeza.

O texto tem como ponto de partida uma romaria de vinte e nove peregrinos, entre os quais está o próprio autor, que juntos seguem em direção à cidade de Canterbury, onde pretendem visitar o túmulo do piedoso Tomás Beckett. Embora um marco importante na literatura inglesa, há que se salientar que com este livro, Chaucer não teve a pretensão de se tornar um reformador social ou qualquer outro processo nesse sentido. Sobre o assunto informa Paulo Vizioli que “[...] o próprio fato de ele [Chaucer] haver iniciado *Os Contos de Cantuária* com o Cavaleiro, símbolo dos ideais cavaleirescos, e concluído com o Pároco, símbolo do ideal cristão, mostra claramente os seus parâmetros”.¹¹ O que não significa que o autor fechasse seus olhos à realidade que o cercava.

As sátiras que são feitas aos costumes e ao *modus operandi* tradicional da sociedade que deixava de ser medieval e ordenada para se tornar moderna e estamental, comprovam o quanto Geoffrey Chaucer era um homem ciente das mazelas sociais e dos problemas que o cercavam. Em vários momentos de obra em estudo neste artigo, ele aponta a decadência dos ideais de cavalaria ou ridiculariza a usurpação das prerrogativas de nobreza pela burguesia mercantil. Assim, se pode dizer que não há uma defesa da classe da qual ele é oriundo como também não há uma completa identificação para com ela.

¹⁰ BURGESS, Anthony. *A literatura inglesa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 40.

¹¹ CHAUCER, Geoffrey. *Os contos da Cantuária*. Apresentação, tradução direta do médio inglês e notas de Paulo Vizioli. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988, p. XIV.

As diferentes histórias que ilustram as páginas do texto de Chaucer têm cada uma, um gênero literário diferente, o qual geralmente é adequado ao narrador, focalizando com certo grau de conhecimento uma ciência ou uma atividade humana. Assim, encontram-se entre os contos, referências à medicina, alquimia, teologia, magia, comércio e finanças, filosofia, retórica entre outras áreas do conhecimento; além de referências sobre os usos e costumes de um tempo, como o caso das questões relativas ao sentir e pensar a morte na Inglaterra do século XVI.

Uma análise do Echacorvos – O conto do vendedor de indulgências

Para início de análise, há que se salientar o termo escolhido por Chaucer para designar o vendedor de indulgências: *echacorvos* é o termo popular em português para *questor*, correspondendo ao que Chaucer emprega *pardoner*. Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa* de Antonio de Moraes Silva, o termo *echacorvos* significa hipócrita, beato fingido, intrometido a exorcista, sendo leigo.¹²

De fato, se existe uma característica marcante na personagem narradora do conto é, sem dúvida, sua hipocrisia. Quando abre sua narração, o vendedor de indulgências declina uma a uma todas as suas bulas, iniciando por mostrar um selo papal em sua licença, de forma que, a partir dessa garantia não fosse ele perturbado por nenhum padre ou noviço, no trabalho que desenvolve para Cristo.

Após essa demonstração de poder e de empáfia sem iguais ele começa a desfiar suas histórias, sendo que em todos os momentos de sua fala busca reforçar a sua autoridade tendo por base bulas papais, cardeais, bispais e patriarcais, a qual entremeia com palavras em latim para temperar a sua prédica e estimular ainda mais as devoções daqueles que escutam suas palavras.¹³

E segue a sua apresentação dando conta de que possui valiosas relíquias, como se observa na citação abaixo:

Finalmente, exponho as minhas longas caixas de cristal abarrotadas de trapos e ossos... São relíquias, percebem logo os fiéis. Entre elas mostro, revestida de latão, uma omoplata de carneiro que pertencera a um santo patriarca hebreu. Boa gente, digo, atendem para as minhas palavras: se alguma vaca, ou bezerro, ou ovelha, ou touro inchar, por ter comido uma cobra ou dela ter levado uma picada, mergulhem esse

¹² SILVA, Antonio de Moraes. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1889.

¹³ Há que se salientar o motivo pelo qual a personagem usa do latim, já que o mesmo é uma linguagem utilizada, durante a Idade Média, pelos membros do clero, denotando um alto grau de erudição.

osso na água de uma cisterna e com essa água lavem a língua do animal, e ele ficará curado.¹⁴

E os milagres não param por aí: animal que beber dessa água estará livre de qualquer tipo de doença e o dono de rebanhos que, antes do sol nascer, tomar um gole desse precioso líquido verá suas posses crescerem. Ademais, a mesma água é remédio em potencial contra o ciúme. Seguindo sua prédica e sua apresentação, o vendedor de indulgências alega que já deve ter ganhado em torno de 100 marcos desde que começou com esse trabalho.

Ele não nega que oferece seus produtos às pessoas simplórias e que teatraliza sua ação oratória para coagir os fiéis a comprar os produtos que vende, não se importando com o destino de suas almas, afinal o que ele faz, faz para obter lucros e não para castigar pecados de ninguém.

Pela boca do vendedor de indulgências, Geoffrey Chaucer satiriza toda a condição da igreja na época, onde muitas prédicas nascem simplesmente para multiplicar desavenças e desconfianças. Isso se pode depreender da citação que segue:



E não tenha dúvidas de que são muitas as prédicas nascidas de más intenções: algumas provêm do desejo de agradar ao povo e bajulá-lo, para a percepção de vantagens pela hipocrisia; outras derivam da vanglória; e outras, do ódio. Eu, por exemplo, faço sermões desta última espécie quando receio polemizar abertamente. Então, enquanto prego, espicaço com minha língua ferina quem ofendeu a meus irmãos ou a mim, de modo que lhe é impossível escapar à difamação. Porque, embora eu não revele o seu nome, as pessoas sabem a quem me refiro pelas insinuações e por outras circunstâncias. É assim que retribuo os desaforos; é assim que vou cuspidando o meu veneno com ar de santidade, a fim de parecer puro e inocente.¹⁵

A figura do pregador é um jogo de elementos opostos: em suas prédicas ele fala contra a avareza, a cupidez e a ambição. Entretanto, não nega que pratica todos os pecados contra os quais prega. Porém ele procura minorar a sua ação hipócrita e falsa, pois se ele é culpado desses pecados, suas práticas fazem com que muitas pessoas acabem por repudiá-los. Finalizando sua apresentação, o vendedor de indulgências deixa claro que ele não tem intenção nenhuma de imitar os apóstolos: mendigar e fazer trabalhos manuais para ganhar a vida não é o seu ideal “apostólico”. Na verdade, ele deseja encontrar um bom vinho e uma bela mulher em cada cidade por onde passa.

¹⁴ CHAUCER, Geoffrey. **Os contos da Cantuária**. Apresentação, tradução direta do médio inglês e notas de Paulo Vizioli. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988, p. 242.

¹⁵ *Ibid.*, p. 243.

A partir desse ponto da narrativa, o conto propriamente dito se inicia, falando sobre um grupo de rapazes que vivia para as algazarras, jogatinas, bordéis e tavernas. Seu cotidiano eram os dados e a bebida. De suas bocas somente se ouviam palavras de blasfêmia e excessos de toda a ordem. Eis que um dia, os jovens ouvem o dobrar dos sinos, anunciando que um corpo estava sendo levado à sepultura e mais que depressa chamam por um criado para que corra a perguntar de quem é o enterro.

Entretanto, adiantando-se ao pedido dos senhores, o criado os informa que já estava inteirado de tudo: tratava-se de um companheiro dos jovens, que morrera inesperadamente na noite anterior, enquanto bebia vinho.¹⁶ Metendo-se na conversa, o taverneiro diz que, de fato, a morte tem se abatido sem sobreaviso na região e que em vilarejo próximo dali havia matado já mais de mil pessoas. Em uma situação como essa, caberiam as pessoas de bom senso estar pejadas de todos os cuidados para evitar tão sinistro encontro.

Ao ouvir tais afirmações, um dos jovens rufiões desafia a morte, com as seguintes palavras:



Braços de Deus, [...], será que é tão perigoso assim um encontro com a Morte? Pois juro, pelos valiosos ossos do Senhor, que vou procurá-la por todas as estradas e trilhas. Escutem, amigos: nós três pensamos do mesmo modo. Vamos então erguer os braços e jurar que sempre seremos irmãos; depois, iremos juntos liquidar aquela falsa traidora. Pela dignidade do Senhor, antes mesmo que anoiteça, teremos matado aquela que a tantos matou.¹⁷

Essa fala demonstra duas questões bem claras: ela representa um desafio deliberado ao imaginário funerário da época em questão, uma vez que o jovem se propõe a derrotar a morte, a matá-la. Ele simplesmente está se propondo a vencer a única coisa que não pode ser vencida. Em segundo lugar, há que se salientar o fato de que, indiretamente, não se percebe na fala do rapaz a idéia da aceitação da morte como algo natural: muito pelo contrário, ela é vista como um elemento não-natural, um inimigo dos amigos de Deus ao qual se deve eliminar.

¹⁶ Pelos padrões da mentalidade medieval em relação à morte, esse não é o tipo de morte ideal: a morte em relação à qual o indivíduo não tem tempo de se preparar, de organizar testamento e de se confessar, não é uma boa morte. Essa morte que se aproxima do indivíduo assim e de súbito lhe solapa a vida é vista alegoricamente como uma ladra, uma adversária que ataca de surpresa. A hagiografia do período a coloca invariavelmente ao lado das ondas de peste e doenças, como uma ceifadeira sem misericórdia.

¹⁷ CHAUCER, Geoffrey. **Os contos da Cantuária**. Apresentação, tradução direta do médio inglês e notas de Paulo Vizioli. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988, p. 247.

E assim, os jovens aventureiros aceitam o desafio de matar a morte, jurando solenemente que viveriam e morreriam juntos, um pelo outro, como se de fato fossem irmãos de sangue. Eles saem da taverna e dirigem-se ao povoado do qual falou o taverneiro, sendo que por todo o trajeto lançam ao ar blasfêmias e promessas vãs, como por exemplo, caso a encontrassem, a morte haveria de morrer.

No caminho, encontraram um ancião, o qual os cumprimentou de forma humilde, sendo brutalmente ofendido pelo mais orgulhoso dos três rapazes, que lhe perguntou por qual motivo andava assim, todo embrulhado em vestes, só deixando de fora seu rosto, e por que razão ainda continuava vivo sendo já tão velho, uma vez que sua hora a muito já havia passado. Diante de palavras tão vis, assim respondeu o velho:

Porque, apesar de ter viajado a pé até a Índia, em nenhum lugar pude encontrar até agora, nas cidades e nas vilas, quem quisesse trocar sua juventude pela minha velhice. Por isso, enquanto Deus o desejar, sigo a viver com a minha idade.

Ai, nem a Morte aceita a minha vida. Diante disso, nada me resta fazer, senão andar por aí como um escravo atormentado, batendo a todo instante com meu cajado no chão (que é à entrada da casa de minha mãe) e gritando: ‘Oh mãe querida, deixe-me entrar! Olhe como estou definhando, nas carnes, nos ossos, na pele. Ai de mim, quando meus ossos terão descanso? Mãe quero dar-lhe todo o baú de roupas que guardo há muito tempo no meu quarto, e receber em troca apenas uma mortalha para me abrigar’. Ela, porém, nem assim me concede essa graça, e meu rosto vai ficando cada vez mais pálido e encovado.¹⁸

Quando o velho diz que bate com seu cajado no chão e compara a terra com a entrada da casa de sua mãe, se estabelece uma analogia que permite associar o ventre e o túmulo, indicando, portanto, o quanto a vida é transitória, e que todos os que nascem acabarão um dia por morrer. Daí o fato de que a vaidade em relação as coisas do mundo é um sentimento fútil e vão no contexto onde todos caminham de forma inexorável para o mesmo fim.

Ademais, a fala do velho encerra um lamento profundo, conforme demonstra Phillippa Tristram:

Na velhice é contra a natureza não morrer, mas a morte na juventude rompe a duração natural. Dessa forma se estabelece uma distinção entre morte aceitável e inaceitável: o Velho está pronto para morrer, tanto em carne quanto em espírito; os devassos estão despreparados em ambos os aspectos. Os que estão mortos espiritualmente podem, além disso, precipitar o fim corporal que rechaçam; os que estão vivos

¹⁸ CHAUCER, Geoffrey. **Os contos da Cantuária**. Apresentação, tradução direta do médio inglês e notas de Paulo Vizioli. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988, p. 248.

no espírito podem procurar o fim corporal como uma dádiva recusada.¹⁹

Depois de proferir suas palavras, o velho pede aos jovens que honrem e respeitem seus brancos cabelos e diz que irá prosseguir o seu caminho. Os jovens, porém, não lhe permitem fazer isso, acusando-o de ser um espião da morte, já que citou seu nome. Assim, ordenam que o velho lhes diga onde ela está, pois na visão deles, é evidente que está associado à morte, com o objetivo de matar jovens, roubando-lhes a juventude.

Então, o velho diz que se os jovens fazem tanta questão de conhecer a morte, devem seguir adiante em direção ao bosque. Segundo ele, fazia muito pouco que havia deixado a morte sob a ramagem de um frondoso carvalho, e que ali ela ainda deveria estar, pois não teme as ameaças de ninguém. Os jovens seguem o caminho apontado pelo velho e ao chegarem ao pé da árvore encontram uma verdadeira fortuna em moedas de ouro recém-cunhadas.

Imediatamente esquecem-se da morte, fascinados pela visão e pela beleza dourada do dinheiro. Sentam-se ao redor do tesouro recém-descoberto e, aquele que dentre eles tinha o pior caráter pronunciou as seguintes palavras:

Irmãos prestem muita atenção ao que vou dizer, porque, se é verdade que gosto de estripulias e de jogos, também tenho a cabeça no lugar. A Fortuna nos deu este tesouro para passarmos o resto da vida na diversão e na alegria, visto vai fácil aquilo que vem fácil. Pela preciosa dignidade do Senhor, quem diria que hoje iríamos receber tamanha graça? No entanto, a nossa felicidade só será completa quando pudermos levar este ouro para a minha casa... ou para a de vocês, não importa, porque este ouro é todo nosso. A verdade, porém, é que não podemos fazer isso durante o dia: surpreendidos, seríamos acusados de ladrões e enforcados por estarmos com o que é nosso. Este tesouro tem que ser removido à noite, às escondidas e com o máximo de cuidado. Por isso, acho melhor tirarmos a sorte para vermos em qual de nós três recai; e o sorteado, de bom grado, irá correndo à cidade, o mais depressa que puder, e, sem dizer nada a ninguém, comprará pão e vinho para nós. Enquanto isso, os outros dois ficarão discretamente por aqui, tomando conta do tesouro. E, se não houver atrasos, ao cair da noite levaremos o achado para o lugar que, de comum acordo, nos parecer melhor.²⁰

¹⁹ TRISTAM, Phillipa. Velhas histórias do tempo antigo. In: _____. **A morte na Idade Média**. Tradução de Heitor Megale; et al. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996, p. 192.

²⁰ CHAUCER, Geoffrey. **Os contos da Cantuária**. Apresentação, tradução direta do médio inglês e notas de Paulo Vizioli. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988, p. 249.

O mais jovem foi escolhido para ir até a cidade providenciar tudo o que precisavam. Enquanto isso, os dois que ficaram na salvaguarda do tesouro começaram a tramar para dividir o achado apenas em duas partes. O problema era que o terceiro sabia que o ouro estava ali. Então sem pensar duas vezes, arquitetaram morte daquele que até ali fora seu irmão e ao qual haviam jurado fidelidade.

O jovem que estava a caminho da cidade, porém, não pensava em coisa diferente: sua idéia era encontrar uma forma de ficar com o tesouro somente para ele. Por fim, acabou tomando a decisão de eliminar seus comparsas através de envenenamento.²¹ Assim sendo, dirigiu-se à loja do boticário onde comprou veneno para ratos, sendo avisado pelo comerciante que o dito veneno era extremamente forte.

O rapaz tomou a caixinha nas mãos e correu a rua mais próxima, onde pediu a um homem que lhe emprestasse três garrafas, o que conseguiu sem muito apuro. Em duas delas despejou o veneno, conservando limpa a terceira garrafa, pois pretendia beber um pouco de vinho enquanto transportasse o ouro para outro local. Em seguida, encheu as garrafas com vinho e voltou para junto de seus companheiros.

Assim que os outros o viram retornar, executaram seu plano e o mataram sem tardança. Feito isso, resolveram beber e festejar, antes de enterrar o corpo. Porém, escolheram justamente as garrafas envenenadas e depois de sorverem alguns goles, acabaram ambos mortos.

O conto do vendedor de indulgências traz muito da mentalidade inglesa de final do século XIV: na realidade, ele demonstra como a morte era concebida e imaginada nesta sociedade, principalmente o empenho que os homens tinham em afastar-se da busca dos bens materiais.

Não se pode esquecer a alegoria que a morte representa nas moedas: a cobiça vai fazer com que um amigo mate o outro. Esse elemento pode ser associado a vaidade que unia homem e mundo, prerrogativa que o medievo sempre tentou afastar de si, pois invariavelmente está associada a idéia de perda da vida eterna e de corrupção.

O vício da cobiça, cometido pelas personagens de seu conto, é o mesmo que pratica o vendedor de indulgências: assim como elas, ele também procura a glória dos

²¹ Há que se salientar que nessa passagem, o vendedor de indulgências, narrador do conto, faz saber que o jovem foi inspirado pelo demônio, inimigo dos homens, a tomar a medida que tomou, qual seja, envenenar os companheiros. Segundo o narrador, isto só foi possível dado o fato de que a vida que o jovem levava permitia ao demônio aproximar-se dele e arruína-lo colocando em risco a sua alma imortal.

bens terrenos, a perspectiva do lucro e de certa forma, representa um rebaixamento da verdade espiritual, posta na idéia de que a sepultura (ou a morte) conforme representada pela figura do velho que fala aos moços, pode ser um lugar de paz e não de tormento, pode ser algo desejado e não uma ameaça. Basta que os indivíduos que fazem as caminhadas sobre a face da terra estejam dispostos a se preparar para tal encontro, coisa que o velho já tinha feito e almejava. Coisa que aos moços, nada mais representava que o marulhar de uma sombra caminhando sobre as águas.

A obra de Geoffrey Chaucer tem um conteúdo riquíssimo que vai além de seu valor histórico, pois demonstra a limitação da técnica de um tempo, a carga de superstição que eivava uma cultura, à opressão que norteava a vida dos homens de uma época. Quando lido, seu texto faz despontar dúvidas sobre as diferenças entre o período que retrata e o mundo contemporâneo, entre as injustiças e abusos que eram cometidos então, e os que são cometidos hoje.

Esse material é rico não apenas para compreender o conteúdo social e cultural de um mundo que desabrochava rumo à modernidade, mas também como referencial para a compreensão de grau de progresso que esse mundo conseguiu atingir. E esse grau de cumplicidade só foi atingido porque o narrador não se separou de sua narrativa, daí o fato de ele caracterizar de forma complexa e convincente toda uma realidade social, eis o legado que esse escritor inglês deixa para a literatura e a história.